

LIBERINO VICENTE E O CANGAÇO

Moisés Santos Reis Amaral¹

RESUMO

Esse artigo busca traçar um breve relato acerca de dois episódios principais das ações envolvendo Liberino Vicente, natural da cidade de Fátima, agreste baiano, que integrou a coluna militar comandada pelo tenente José Osório de Farias, conhecido no mundo do cangaceirismo como “Zé Rufino”. Esse trabalho registra a atuação desse sertanejo no combate ao cangaço como soldado da polícia baiana e está focado em dois famosos combates entre cangaceiros e volantes, dos quais participou Liberino Vicente ao Lado de Zé Rufino e seus companheiros, inclusive com registros fotográficos: O combate que vitimou Marino e Porto da Folha-se, em 1936 e o último combate da trajetória do cangaço no Nordeste, a morte de Corisco em Barra do Mendes em 1940.

PALAVRAS-CHAVE: Liberino Vicente; Zé Rufino; Cangaço; Volantes, Polícia.

ABSTRACT

This article seeks to outline a brief account of two main episodes of the actions involving Liberino Vicente, a native of the city of Fátima, in rural Bahia, who was part of the military column commanded by Lieutenant José Osório de Farias, known in the world of “cangaceirismo” as “Zé Rufino”. This work records the performance of this “sertanejo” in the fight against “cangaço” as a soldier of the Bahian police and is focused on two famous combats between “cangaceiros” and the police, in which Liberino Vicente participated alongside Zé Rufino and his companions, including with photographic records: The combat that killed Marino and Porto da Folha-se, in 1936 and the last combat of the cangaço trajectory in the Northeast, the death of Corisco in Barra do Mendes in 1940.

KEYWORD: Liberino Vicente; Zé Rufino; Cangaço; Volantes, Police.

INTRODUÇÃO

O atual município de Fátima, agreste da Bahia, na divisa com Sergipe, situa-se em terras que, nos anos 1920 e 1930, compunham a vasta zona de atuação de cangaceiros. Naturalmente, o sertanejo contemporâneo ao cangaço dificilmente escapava da influência desse fenômeno por completo. Assim sendo, os jovens daquele difícil período mantinham relações com cangaceiros e eventualmente engrossavam as

¹ Mestre em ensino de História, Universidade Federal de Sergipe (UFS).

fileiras do banditismo ou seguiam o caminho inverso e aderiam à força policial no combate aos cangaceiros.

Dessa forma, muitas famílias fatimenses carregam nas lembranças coletivas histórias de cangaceiros e volantes. Foram pelo menos três jovens fatimenses a adentrar nas colunas militares de combate ao cangaço, mas a memória desses feitos acabou se perdendo com o passar dos anos para os familiares da maioria desses homens.

Liberino Vicente, entretanto, destoa dessa realidade. É parte de uma família muito ligada, ainda hoje, ao militarismo, e ocupou, no período pós-cangaço, posição de destaque no município, sendo o primeiro delegado de polícia de Fátima emancipada.

É igualmente desconhecida a informação de qual volante, e sob o comando de qual tenente, os outros dois soldados fatimenses atuavam; e isso dificulta, e muito, a apuração e o levantamento de informações acerca de suas vidas. No caso de Liberino, seu Comandante foi nada mais nada menos que José Osório de farias, o Zé Rufino, muito famoso entre os entusiastas do tema cangaço.

Nascido a 12 de outubro de 1907, “Seu Liberino”, como era conhecido entre os fatimenses, compôs a volante comandada por Zé Rufino, responsável por inúmeras mortes de cangaceiros, inclusive a de Corisco, o diabo loiro. Segundo um de seus filhos, Liberato, ele entra na volante como contratado, sendo efetivado como soldado da polícia baiana posteriormente, e tem sua presença confirmada em vários e famosos combates com bandoleiros entre Bahia, Sergipe e Alagoas.



Imagem 1: José Rufino na volante do estado da Bahia
Fonte: Blog Lampião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022.

A fotografia acima, tirada pelo famoso sírio, Benjamim Abraão, assessor do Padre Cícero do Juazeiro, foi batida em 1936, e registra Liberino Vicente (em destaque) ao lado dos companheiros de luta.

DESENVOLVIMENTO:

No ano de 1936, a volante de Zé Rufino partiu, a pé, do Raso da Catarina, nas proximidades de Serra Negra (hoje, município de Pedro Alexandre), em busca do bando do cangaceiro Mariano. Na ocasião do combate, o subgrupo comandado por Mariano foi dilacerado em Cangaleixo, no município de Porto da Folha, estado de Sergipe. No rastro dos bandoleiros, a volante de Zé Rufino encontra com Benjamin Abraão, que solicita autorização para fazer o retrato. Nela, podemos ver o tenente Zé Rufino – em pé, o primeiro à esquerda – e o soldado Liberino, então com 29 anos. Esse combate é parcialmente relatado na obra *Fátima*, traços da sua história. (REIS, 2022).

O local específico da fotografia é desconhecido, mas se sabe que, dali os soldados partiram para a localidade onde se suspeitava estar o grupo liderado por Mariano. Após interrogatórios, e horas seguindo os rastros, os soldados encontraram os cangaceiros jogando baralho em meio ao precário acampamento de pequenas barracas feitas com lençóis amarrados à vegetação. O tiroteio foi ferrenho e três cangaceiros foram mortos. Entre eles, o líder do Bando, Mariano, que teve uma morte dolorida e cruel.

Consta que, entre os soldados, estava o rastejador Bem-te-vi, que havia entrado para a volante justamente para vingar a morte do pai, ato cometido supostamente por Mariano. Ao identificar entre os feridos o bandido chefe, Zé Rufino manda chamar Bem-te-vi e o autoriza a cumprir a vingança que tanto desejava.

Segundo relatos, jamais houve um assassinato com tanto prazer por parte do algoz. Bem-te-vi teria debruçando-se sobre o cangaceiro com seu punhal e deferido golpes vigorosos, fazendo dezenas de perfurações. Ao observar a cena Zé Rufino teria alertado ao comandado: “Cuidado com a cabeça que eu preciso dela”.

Ao consumir a morte de Mariano, e boa parte do seu bando, os soldados cortaram as cabeças dos mortos a golpe de facão e levaram para Porto da Folha, onde fizeram a foto abaixo.



Imagem 2: Cabeças dos cangaceiros e seus pertences
Fonte: Blog Lampião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022.

Não é prudente fazer juízo de valor acerca da conduta das volantes, ao menos, não é essa a minha intensão. Cortar a cabeça de uma pessoa após assassiná-la brutalmente é, aos olhos de hoje, um ato que beira a insanidade. Entretanto, é preciso lembrar que aqueles homens eram fruto da dura terra sertaneja, como descrito acima, e que, como filhos do seu tempo, agiam como tal (LIMA, 2006). Um erro muito comum entre as pessoas que gostam de história é fazer julgamentos de pessoas que viveram em outros períodos, tomando como elemento balizador seus valores contemporâneos. Nós, historiadores, damos a esse comportamento o nome de anacronismo histórico.

A foto a seguir é de autor desconhecido, e foi tirada no mesmo dia da anterior, contudo, após o combate, já em Porto da Folha, em meio à agitação que ficou na cidade após a notícia da morte dos cangaceiros e da chegada das cabeças. Nela, vemos os soldados de posse de alguns itens retirados dos cadáveres dos cangaceiros. Liberino Vicente, por exemplo, ostenta um chapéu ornamentado que, provavelmente, herdou de um dos bandidos.

Para efeito didático, e em uma tentativa de ilustrar a importância daquela ação em Cangaleixo, dedicarei algumas linhas para tratar da vida do cangaceiro que chefiava

aquele grupo destroçado furiosamente pela volante liderada pelo sagaz tenente Zé Rufino:



Imagem 3: Liberino Vicente em destaque
Fonte: Blog Lampião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022.

O cangaceiro Mariano era natural do município de Afogados da Ingazeira, Pernambuco. Nasceu no ano de 1898 e entrou para o cangaço em 1924. Ele foi um dos oito cabras que chegaram à Bahia, em 1928, que foram flagrados na foto abaixo, feita em Ribeira do Pombal-BA, pelo alfaiate Alcides Fraga.



Imagem 4: Mariano junto a Lampião, Corisco, Ezequiel e o restante do bando
Fonte: Jornal o Correio, de 10 de dezembro de 1928.

Após o episódio em Pombal, o grupo passou por Cícero Dantas, Sítio do Quinto, Heliópolis e, possivelmente, por Fátima. Oito anos após entrar na Bahia, Mariano, já chefe de subgrupo, foi abatido pela volante na qual Liberino Vicente combatia em Sergipe.

A volante de Zé Rufino é considerada por boa parte dos estudiosos do cangaço como o mais eficiente grupo policial no combate ao cangaceirismo. Em entrevistas concedidas em Jeremoabo, onde passou a morar após a aposentadoria, e onde morreu já como Coronel da reserva, Zé Rufino orgulhosamente afirmou nunca ter perdido um homem em combate.

Existem poucos registros fotográficos da volante de Zé Rufino nos tempos do cangaço. A foto aqui em destaque foi veiculada em jornais sergipanos da época e registra a dureza da vida daqueles homens que combatiam e eram combatidos em tempos difíceis para homens e mulheres sertanejos.

O combate mais famoso do qual Liberino Vivente participou, sem dúvidas, ocorreu já numa época em que o cangaço estava em franca decadência. No dia 25 de maio de 1940, acontecia o último combate entre cangaceiros e volantes, na cidade baiana de Barra do Mendes. Tratou-se do embate em que Corisco, o Diabo Loiro, foi morto, e sua companheira, Dadá, perdeu uma das pernas, em consequência de um tiro de fuzil.

Durante os anos de auge do cangaceirismo no Nordeste, Corisco era considerado o segundo homem nas trincheiras do banditismo, abaixo apenas de Lampião. Notório pela sua crueldade, cometeu atos tão hediondos, que rivaliza com as ações do próprio Virgulino. Por esse motivo, adquiriu a alcunha de Diabo Loiro.

Em 1940, contudo, o cangaço dava seus últimos suspiros. Após a morte de Lampião, em 28 de julho de 1938, o cangaceirismo passou a sofrer um forte processo de decadência, seja pela própria simbologia da morte do seu maior expoente, seja pela intensificação das perseguições do Estado, a fim de dar linhas finais ao banditismo na região e/ou pelo desmantelamento das redes de coiteiros que davam sustentação às ações clandestinas dos grupos e proteção contra a polícia.

Após o massacre de Angico, vários grupos foram sendo dissolvidos, entregando-se às autoridades ou sendo dizimados pela polícia; e os chefes de subgrupos foram, aos poucos, cedendo às pressões que levariam ao fim do movimento. Assim, bandos como os de Zé Sereno e Ângelo Roque, dentre outros, foram entregando-se e dando baixa em suas armas.

Naquele 25 de maio de 1940, contudo, o combate entre a volante de Zé Rufino e Corisco não foi necessariamente um fogo, como os bandoleiros nominavam os tiroteios entre soldados e o grupo de bandidos, pois Corisco não estava mais no comando do seu, outrora numeroso, grupo de cangaceiros.

Na oportunidade, viajavam Corisco, Dadá, Rio Branco, Florência e a menina Zefinha, natural de Bebedouro (atual Coronel João Sá). Não estavam mais atuando como cangaceiros, já não usavam mais sua característica indumentária. Vestidos como civis e carregando o que restara dos espólios do cangaço, viajavam em fuga, rumo a uma vida clandestina e distante das catingas que dominaram por anos.

Acerca dos valores carregados pelos viajantes naquela ocasião, o grande pesquisador do cangaço, o cearense Aderbal Nogueira, lembra em entrevista para o seu Canal do Youtube (2021) que Corisco já não carregava mais consigo tanta riqueza em ouro, dinheiro e joias. De acordo com Aderbal, com a morte de Lampião, dois anos antes do ataque em Barra do Mendes, Corisco não participou mais de nenhum grande saque, e já tinha perdido boa parte das conexões com coiteiros, e passou os últimos dois anos de vida gastando aquilo que tinha arrecadado nos anos áureos dos cangaceiros.

O pequeno grupo segue viagem, e, à altura da cidade de Barra do Mendes, pediram pouso na fazenda Pacheco. Passavam-se por romeiros em direção a Bom Jesus da Lapa, possivelmente seu destino final fosse o estado de Minas Gerais. Na época, Corisco já não lembrava nem de longe o estereótipo de guerreiro que havia adquirido nos anos de combate. Deficiente de ambos os braços em decorrência de ferimentos a bala, já sem a famosa cabeleira loira, era alcoólatra e tinha dificuldades para atirar.

De Patrocínio do Coité (Paripiranga), o Tenente Zé Rufino buscava rastrear o último grupo de cangaceiros que, de uma forma ou de outra, ainda perambulavam em liberdade. Perspicaz e incansável, o Tenente consegue pistas do possível paradeiro de Corisco. Naquela expedição chefiada por Zé Rufino, Liberino Vicente já gozava do posto de soldado efetivo da polícia baiana.

O grupo de 15 soldados chega à Fazenda Pacheco, onde Corisco e o restante do grupo estavam escondidos. Dadá é a primeira a perceber a chegada dos soldados e alerta Corisco que prontamente começa a atirar contra os policiais. Não foi uma luta justa, visto que Rio Branco e Florência estavam afastados e fugiram ao escutar os primeiros disparos. Corisco e Dadá enfrentam sozinhos o numeroso grupo de soldados enquanto a menina Zefinha se esconde embaixo da cama.

Em poucos minutos de ação efetiva, Dadá é baleada na perna e vai ao chão, gritando para que Corisco fuja, mas não houve tempo. Alvejado por uma rajada de metralhadora disparada pelo soldado Mulungu, Corisco cai com as vísceras à mostra. Estava mortalmente ferido, mas ainda respirava.

A fotografia abaixo foi feita momentos após o combate. Nela, não foi possível identificar Liberino, muito provavelmente pela sua baixa qualidade, Zé Rufino está ao centro e o segundo da direita para a esquerda é o soldado Mulungu.

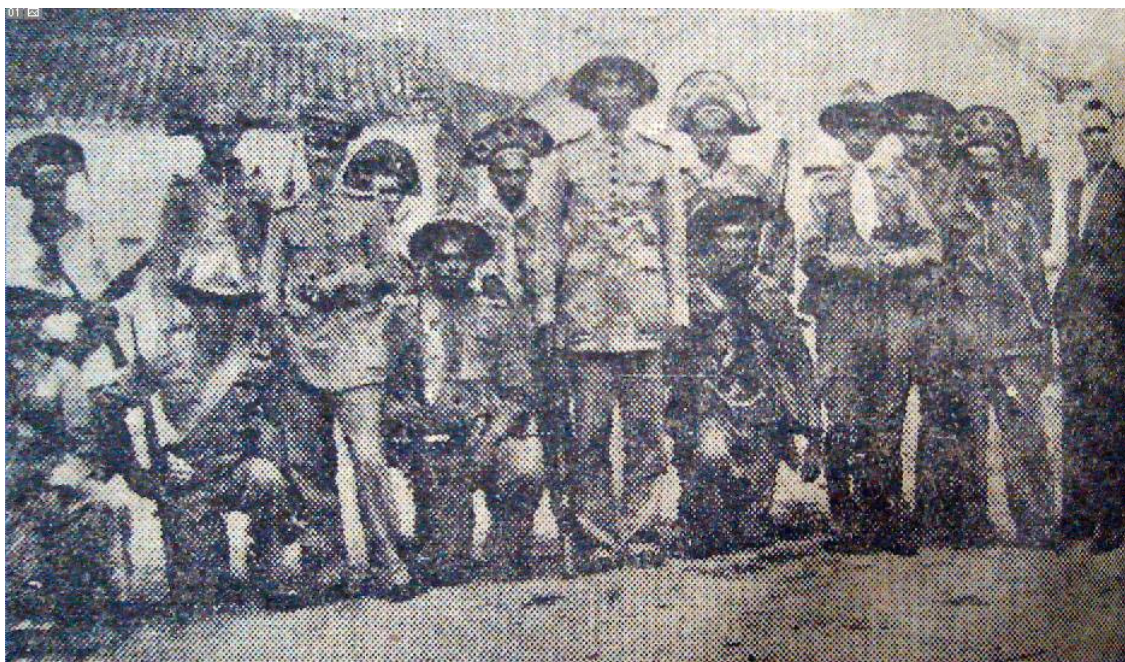


Imagem 5: Volante que matou Corisco
Fonte: Acervo pessoal de Kiko Monteiro.

Em entrevista concedida ao cineasta Glauber Rocha, realizada em Jeremoabo, nos anos 1960 e citada por Fontes (2010), Zé Rufino afirma que conversou com Corisco enquanto ele agonizava. Queria saber por que o cangaceiro não tinha simplesmente se entregado diante da evidente desvantagem. Indagação a qual Corisco teria respondido com essas palavras: “Não sou homem para me entregar, sou homem para morrer”.

De acordo com o pesquisador Robério Santos, em vídeo do seu canal (2019), o casal de cangaceiros feridos e a menina Zefinha são postos em um carro de boi e levados para a cidade vizinha, de Miguel Calmon. No trajeto, descrito posteriormente por Dadá, como uma viagem extremamente longa e dolorida, Corisco viria a morrer, cerca de seis horas depois de ser baleado. Ao chegar na cidade, Dadá é levada ao

hospital, onde tem sua perna direita amputada, e Corisco é sepultado no cemitério da cidade. De lá, Dadá e a menina Zefinha são postas em um trem e levados para Salvador. Dadá é presa e a criança mandada de volta para a casa dos seus pais.

Inusitadamente, nos anos posteriores, Dadá e seu algoz, Zé Rufino, desenvolvem um sentimento de respeito mútuo. Tanto é que, nos anos 1960 a ex-cangaceira visita o militar em Jeremoabo. Durante uma dessas visitas, ela relata que adquiriu um respeito pelo agora Coronel Zé Rufino, em decorrência das suas ações após o combate. Ele teria impedido que cortassem a cabeça de Corisco, algo muito comum naquelas ocasiões, e ainda garantiu que Dadá não fosse executada ali mesmo.

Essa informação é rebatida por alguém que estava presente e, de certa forma, promoveu o encontro entre Dadá e Zé Rufino, o Jornalista Huberto Mesquita (1990). De acordo com ele, na ocasião, Zé Rufino já estava muito debilitado e pediu perdão a Dadá. Diante do fato, a ex-cangaceira teria dito que sim. Ao sair da residência do agora Coronel Zé Rufino, Dadá teria confessado ao jornalista que não cabia a ela perdoar ninguém, demonstrando assim uma mágoa com o velho militar.

Aquele combate em Barra do Mendes entraria para a história como sendo o marco final do cangaço. Não está claro, dada a escassez de registros confiáveis, qual foi a participação do soldado Liberino na ocasião. Sabe-se, contudo, de acordo com depoimentos dele, ao longo da vida pós-cangaço, que estava presente e participou efetivamente da ação de fuzil nas mãos.



Imagem 12: Corisco agonizando

Fonte: Blog Lâmpião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022

CONCLUSÃO:

O cangaço foi um fenômeno tipicamente nordestino de banditismo social, com apogeu entre as décadas de 20 e 30, do século passado. O cenário nordestino desse período era tão trágico quanto o do advento do movimento de Canudos, décadas antes. A população faminta era encurralada entre a seca severa e os desmandos de coronéis que acumulavam poderes frente à negligência do Estado.

É nessa conjuntura de abandono que nordestinos aderem ao banditismo, passando a vagar pela caatinga, praticando toda sorte de barbaridades. Não é minha intenção, aqui, fazer juízo de valor dessas pessoas, mas analisar o processo de construção do fenômeno do cangaço.

Os cangaceiros tinham controversa reputação entre os sertanejos. Eram considerados bandidos sem princípios, por uns; e heróis cantados em verso e prosa, por outros. Fato é que o bando de Lampião, só pra ficar em um exemplo, atuou fortemente por mais de duas décadas, demonstrando a incapacidade do poder público de cercear as ações de grupos de cangaceiros.

Com a chegada à presidência da república do gaúcho Getúlio Dorneles Vargas, as ações de combate ao fenômeno se intensificam e o fim dos bandos de cangaceiros que varriam o sertão é traçado. De acordo com Chagas (2011), Getúlio assume o poder apoiado por parte das oligarquias urbanas e jovens oficiais. Era o fim da primeira república, e a sociedade clamava por mudanças como eleições limpas, isto é, o fim do voto de cabresto², por exemplo, e uma modernização do País, bem como a convocação de nova constituinte.

Tentando manter-se no poder, Vargas fez concessões e promessas, ganhando tempo para, em 1934, submeter o Brasil a uma constituição autoritária, mesmo sendo ele eleito Presidente após sua promulgação. Sempre equilibrando-se no poder, em 1937, ele assume de vez o posto de Ditador, implementando o Estado Novo.

O foco de Getúlio Vargas sempre foi o trabalhador urbano, sendo sua preocupação com o cangaço, um fenômeno regional aqui do Nordeste, diminuta. Entretanto, os descontentamentos da população com seu governo cresciam com as ações de imposição, não sendo abafados mesmo sob a intensa propaganda estadonovista.

Ainda de acordo com as ideias de Chagas (2011), a promotoria da cidade de Água Branca, em Alagoas, envia enérgica carta para Vargas, relatando a incapacidade das volantes dos estados nordestinos de capturar Lampião, símbolo maior do cangaço, e dar ponto final ao banditismo que manchava a reputação dos governos locais.

A reação do Governo Federal foi imediata, provocando um efeito cascata onde a pressão ao governo do estado de Alagoas levou à constrição do Diretor de Polícia do estado, o Major Lucena, que, por sua vez, convocou o tenente João Bezerra a trazer a cabeça de Lampião em um período de trinta dias.

Essa atitude, aqui contextualizada, e diversos fatores menores, levaram a ação policial que resultou no massacre de Angicos, de 28 de julho de 1938, onde morreram Lampião, Maria Bonita e outros nove cangaceiros.

A morte de Lampião, como dito acima, representa um marco na história do cangaço e é o começo do fim para o movimento. Prova disso é que naquele mesmo ano de 1938, diversos bandos como o de Zé Sereno, Balão, português e Pancada resolvem se entregar, assinalando que cangaço estava com os dias contados.

Finalmente, em 1940, ocorre o último combate entre militares e cangaceiros. Naquele conflito em que Corisco foi morto por uma rajada de metralhadora disparada pelo soldado Mulungu e Dadá foi gravemente ferida na perna direita, o fatimense Liberino Vicente estava presente e testemunhou o capítulo final do movimento cangaceiros após cerca de cinco décadas de combates sangrentos e terror no sertão nordestino.

BIBLIOGRAFIA:

CHAGAS, Maria Celina. **Comtismo, castilhismo e varguismo** | Locus: Revista de História.

FONTES, Holeone Coelho. **Lampião na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1988.

LIMA, Estácio. **O Mundo Estranho dos Cangaceiros**. Salvador: Alba, 2006.

MESQUITA, Humberto. **Eu estava no encontro de Dadá com Zé Rufino**. Youtube, 17 de maio de 2021. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ROiL8iYSeXQ&ab_channel=CanalHumbertoMesquita >.

NOGUEIRA, Aderbal. **Cangaço - Eu vi Corisco Baleado**. Youtube, 25 de maio de 2021. Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=hKLtixgTLOg&ab_channel=AderbalNogueira-Canga%C3%A7o >.

REIS, Moisés. **Fátima, Traços da Sua História**. Aracaju, Infographics, 2022.

SANTOS, Robério. **Onde Estava Corisco? | CNL | #372**. Youtube, 11 de setembro de 2019. Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=v9X0s2wYoEg&ab_channel=OCanga%C3%A7onaLiteratura >.